

AS AULAS REMOTAS NO ENSINO MÉDIO: IMPLICAÇÕES, DIFICULDADES E PERCEPÇÕES

CLASES REMOTAS EN LA ESCUELA SECUNDARIA: IMPLICACIONES, DIFICULTADES Y PERCEPCIONES

REMOTE CLASSES IN HIGH SCHOOL: IMPLICATIONS, DIFFICULTIES AND PERCEPTIONS

Recebido em: 21/11/2021

Aceito em: 19/12/2023

Janete Cristiane Jarczeski¹ 

Resumo: Este texto relata sobre as aulas remotas implantadas no período da Pandemia Covid-19, como atividades de ensino e aprendizagem mediadas pelo uso das tecnologias. Estabelece um diálogo com autores que tratam da urgência em abordar a temática, analisando os desafios enfrentados no processo educativo escolar, como: o currículo, a falta de estrutura material e de rede de internet, uso da plataforma digital, o estudo individual, organização do tempo e espaço para o *home office* e, principalmente o pulsar brutal da desigualdade social constatada na vivência do ensino remoto. Mesmo diante de tantas adversidades, professores e professoras, mediados (as) por uma gestão democrática, mobilizaram ações colaborativas e coletivas para superar dificuldades e imposições. Como professora de História, no movimento da escuta sensível, foi proposto um questionário, aos (às) estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, organizado com 4 questões objetivas e uma subjetiva, que busca analisar a problemática: Quais as dificuldades e as percepções dos estudantes sobre as aulas remotas, no período da pandemia da Covid-19? O levantamento, sistematização e análise quantitativa e qualitativa dos dados, são uma ação relevante para organização da prática político-pedagógica humanizadora.

Palavras-chave: Aulas Remotas; Ensino Médio; Educação humanizadora.

Resumen: Este texto informa sobre las clases remotas implementadas durante el período de la pandemia Covid-19, como actividades de enseñanza y aprendizaje mediadas por el uso de tecnologías. Establece un diálogo con autores que abordan la urgencia de abordar el tema, analizando los desafíos enfrentados en el proceso educativo escolar, tales como: el currículo, la falta de estructura material y red de internet, uso de la plataforma digital, estudio individual, organización del tiempo y espacio para el Ministerio del Interior y, principalmente, el pulso brutal de desigualdad social observado en la experiencia de la educación a distancia. Incluso ante tantas adversidades, los docentes, mediados por una gestión democrática, movilizaron acciones colaborativas y colectivas para superar dificultades e imposiciones. Como docente de Historia, en el movimiento de la escucha sensible, se propuso un cuestionario a estudiantes de tercer año de bachillerato, organizado con 4 preguntas objetivas y una subjetiva, que busca analizar el problema: ¿Cuáles son las dificultades y percepciones de los estudiantes en remoto? clases durante la pandemia de Covid-19? El relevamiento, sistematización y análisis cuantitativo y cualitativo de datos son una acción relevante para la organización de la práctica político-pedagógica humanizadora.

Palabras-chaves: Clases Remotas; Escuela secundaria; humanizando la educación

Abstract: This text reports on remote classes implemented during the Covid-19 Pandemic period, as teaching and learning activities mediated by the use of technologies. It establishes a dialogue with authors who address the urgency of addressing the topic, analyzing the challenges faced in the school educational process, such as: the curriculum, the lack of material structure and internet network, use of the digital platform, individual study, organization of the time and space for the home office and, mainly, the brutal pulse of social inequality observed in the experience of remote education. Even in the face of so many adversities, teachers, mediated by a democratic management, mobilized collaborative and collective actions to overcome difficulties and impositions. As a History teacher, in the movement of sensitive listening, a questionnaire was proposed to third year high school students,

¹ Graduação em História pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1994). Especialização em História pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1998). Mestrado Profissional em História - FURG (2020). Atualmente é professora de História da Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama. E-mail: janetecj@hotmail.com

organized with 4 objective questions and a subjective one, which seeks to analyze the problem: What are the difficulties and perceptions of students on remote classes during the Covid-19 pandemic? The survey, systematization and quantitative and qualitative analysis of data are a relevant action for the organization of humanizing political-pedagogical practice.

Keywords: Remote Classes; High school; Humanizing education.

INTRODUÇÃO

No início do ano letivo de 2020, o Brasil já registrava o primeiro caso do novo Coronavírus em seu território, colocando o país na condição de alerta em relação à Pandemia Covid-19. A urgência de medidas sanitárias, como afastamento e isolamento social, no intuito de evitar a contaminação pelo vírus, levou à suspensão das aulas presenciais, sendo essas substituídas por aulas remotas, em caráter de excepcionalidade. Contudo, desafios se concretizaram e muitos permanecem longe de serem superados, principalmente na rede pública de educação. Entre eles, destacam-se: organização do tempo escolar e espaço para o *home office*; o currículo escolar; a falta de estrutura material e de rede de internet para o acesso às aulas on-line; conhecimento e domínio do funcionamento das plataformas digitais; a metodologia e a organização necessária para o estudo individual e, principalmente o agravamento das desigualdades sociais.

Como professora de História do Ensino Médio, que mobiliza sua prática pedagógica na concepção humanizadora, uma das preocupações latentes centra-se no processo de ensinar e aprender dos(as) estudantes. E, como ele acontece nas aulas remotas? Diante dessa problematização e premissa, a vivência relatada apresenta as dificuldades dos (as) estudantes, no que se refere às aulas remotas no período da Pandemia Covid-19.

A maior parte dos períodos letivos de 2020 e 2021 foram desenvolvidos na forma remota, portanto é relevante a escuta sensível do que revelam as falas manifestadas pelos (as) estudantes. Nesse sentido, o relato que segue orienta-se pela problemática: Quais as dificuldades e as percepções dos estudantes sobre as aulas remotas, no período da pandemia da Covid-19? Os sujeitos envolvidos são os (as) estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama – Cassino - Rio Grande – RS, na qual atuo como professora de História.

Foi proposto um questionário, do qual, participaram 61 estudantes, o mesmo contendo quatro perguntas objetivas, disponibilizado na plataforma digital Google Sala de Aula, utilizada para as aulas remotas. A tabulação quantitativa de tais dados, demonstra a sistematização dos impactos e das dificuldades apontadas pelos (as) estudantes.

Uma questão subjetiva, também foi proposta no questionário, demonstra as expectativas desses (as) estudantes, referente à conclusão do Ensino Médio, objetivando suscitar suas expectativas e levantar possíveis situações de superação. Destarte, entendemos o levantamento de tais dados, sua sistematização e análise, como uma ação necessária para a organização da prática pedagógica comprometida com a educação humanizadora.

Cabe destacar a relevância da escola como espaço público da educação no qual, cada segmento da comunidade escolar tem seu papel. E, como referendado por Nóvoa, por vezes professores e professoras são desvalorizados (as) como profissionais, uma vez que seu comprometimento e protagonismo pedagógico, é desconsiderado:

Como já disse, as melhores respostas à pandemia não vieram dos governos ou dos ministérios da educação, mas antes de professores que, trabalhando em conjunto, foram capazes de manter o vínculo com os seus alunos para os apoiar nas aprendizagens. Em muitos casos, as famílias compreenderam melhor a dificuldade e a complexidade do trabalho dos professores. Isso pode trazer uma valorização do trabalho docente e criar as condições para um maior reconhecimento social da profissão (NÓVOA, 2020, p. 09).

A fala do autor vai ao encontro com o que se concretiza nas escolas. Ou seja, o coletivo dos (as) profissionais da educação articularam-se para transpor os desafios diários das aulas remotas, atender às exigências burocráticas da mantenedora, além de enfrentar imposições curriculares distanciadas da coerência pedagógica protagonizada na e com a escola. Dessa forma, a escola teve que pensar em possibilidades de atender às demandas oficiais, sem perder a dimensão humana de cada situação específica dos (as) estudantes e suas famílias, mantendo-se sensível em relação às necessidades e dificuldades. E, ao mesmo tempo, mobilizando de forma colaborativa e coletiva as possibilidades de superação.

Nesse contexto, evidenciam-se implicações sobre o ensino remoto, bem como, são apresentadas as dificuldades e percepções dos (as) estudantes nas aulas remotas desenvolvidas no Ensino Médio.

DESCRIÇÃO DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA

Anteriormente à pandemia, a educação escolar encontrava-se frente a desafios, como o desenvolvimento de práticas pedagógicas facilitadoras para a construção de conceitos relevantes, motivadoras e intrínsecas ao processo de aprendizagem dos (as) estudantes. Com a concretização da pandemia e a imediata instalação das aulas remotas, em caráter emergencial, esse desafio aumentou em proporcionalidade.

Diante desse novo panorama, a premissa educativa em relação à aprendizagem histórica significativa e com sentido, permanece como mobilizadora para o pensar e o planejar das aulas. Questionamentos de outrora, persistem: Que conteúdos e recortes históricos são relevantes? O que os (as) estudantes do Ensino Médio esperam das aulas de História? Qual a concepção de educação que sustenta teoricamente a organização da prática pedagógica? Quais os pressupostos a serem observados para que os conteúdos históricos desenvolvidos favoreçam a efetivação da aprendizagem histórica? E agora, pelas aulas remotas!

De forma repentina, no ano letivo de 2020, a comunidade escolar foi informada sobre a determinação da migração das aulas escolares para o formato remoto, plataforma Google Sala de Aula, o *Google Classroom*. Este ambiente virtual foi contratado pelo Governo Estadual, através da Secretaria do Estado da Educação do Rio Grande do Sul (Seduc – RS), pelo qual as aulas passaram para a forma *on-line*. Até aquele momento, nenhuma experiência, preparo, formação ou capacitação neste sentido havia sido oferecida aos (às) professores (as). Sequer havia disponibilização, pela Seduc - RS, de equipamentos eletrônicos ou liberação de sinal de internet para professores (as) e/ou estudantes. O trabalho remoto deveria iniciar, de forma que cada um (a) utilizasse a estrutura particular que dispunha ou, se preferisse, em meio ao pico da pandemia, poderia dispor dos meios e dos equipamentos existentes na escola.

Ora, como poderiam os (as) professores (as) dispor de tais condições para as aulas remotas, se estão há mais de 7 anos com seus salários defasados e/ou atrasados? Como esperar que as famílias da comunidade escolar tivessem aparelhos eletrônicos e redes de conexão adequados? Sendo que, a esfera pública nem sempre garante o atendimento às necessidades mínimas em tempos ditos normais, quiçá no pandêmico.

Diante desse contexto, permanecem latentes os questionamentos, outrora inquietantes, em torno de quê e de como trabalhar o ensino da História, bem como em qualquer outro componente curricular dos diferentes níveis e/ou modalidades da Educação Básica. Desafios, que foram sendo enfrentados juntamente com o fluxo corrente da concretização das aulas remotas, que mesmo acontecendo à distância, orientam-se pelos princípios da educação presencial.

Dessa forma, tais desdobramentos do processo ensino-aprendizagem passam a ser analisados, na dimensão pedagógica, social e política. Há tempos indica-se o declínio do modelo escolar em nosso país, vigente por séculos. Nesse sentido, Nóvoa (2020), chama atenção para a tomada de consciência e de ação frente ao detectado:

A pandemia coloca-nos perante opções decisivas: vamos ter a coragem coletiva de assumir a educação pública como a prioridade das prioridades ou vamos deixar a educação ao cuidado, e ao serviço, de grupos privados e de plataformas digitais? Vamos valorizar os professores e o seu papel como profissionais autônomos e independentes ou vamos transformá-los em meros aplicadores ou acompanhadores dos conteúdos digitais? Vamos enriquecer a ação das escolas públicas como lugar de encontro entre todas as pessoas, independentemente das suas origens e condição, ou vamos levar toda a educação para espaços domésticos e privados? (NÓVOA, 2020, p. 11).

A partir da proposta de Nóvoa, torna-se urgente voltar o olhar político-pedagógico ao experienciado nas aulas remotas, problematizar, refletir e avaliar seus significados, além de todos os aspectos da escola. Os segmentos da comunidade escolar, protagonistas da e na escola, devem assumir coletivamente a tarefa de resignificação dos processos de ensinar e aprender, para dessa forma, fortalecer a instituição e a educação pública. Devem assumir seus papéis, antes que outros ocupem os seus espaços de ação e de fazer político-pedagógico.

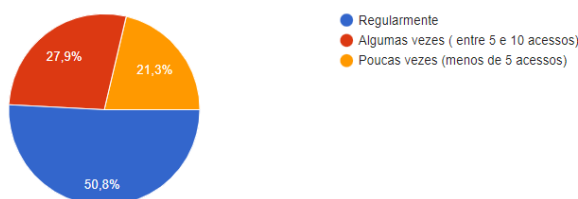
No intuito do fortalecimento da educação pública humanizadora, de qualidade social, o questionário disponibilizado aos (às) estudantes visa um olhar e escuta sensível sobre a vivência das aulas remotas. Os dados levantados, através de sua aplicação, revelam dificuldades enfrentadas pelos (as) estudantes, concluintes do Ensino Médio, que realizaram dois dos três anos dessa etapa de ensino, por meio das aulas remotas.

Ao que remete, a sistematização e análise das respostas desse grupo de estudantes, revela-se empiricamente como um panorama que provavelmente seja compartilhado pela maioria dos(as) demais estudantes da rede pública do RS.

Nos gráficos abaixo, os dados do questionário, coletados das respostas dos (as) estudantes. Os gráficos 01, 02, 03 e 04 representam a sistematização de cada uma das questões objetivas. A tabela 01, representa a sistematização da questão 05, proposta no formato subjetivo. Na questão 01, foi pesquisado: **Com que frequência você acessa o Google Sala de Aula?**

Gráfico 01 – Frequência que acessa o Google em Sala de Aula.

1) Com que frequência você acessa o Google Sala de Aula?
61 respostas



Fonte: Dados da pesquisa – acervo da professora pesquisadora (2021).

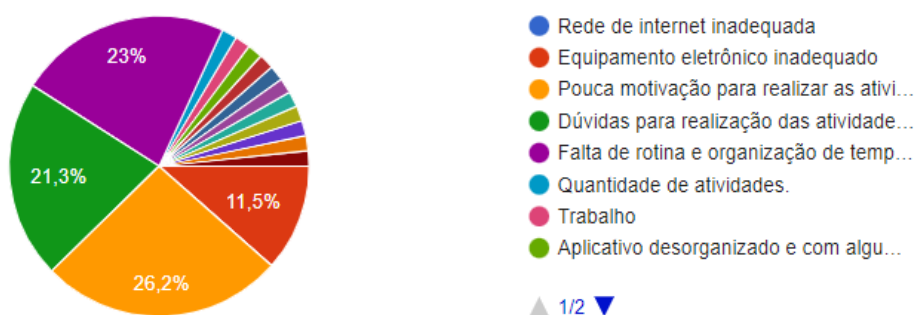
Dos sessenta e um estudantes que responderam essa questão, 50,8% marcaram a opção regularmente; 27,9% a opção algumas vezes e 21,3% a opção poucas vezes. Diante do dado obtido percebe-se que dos que acessam as aulas remotas, mais da metade o faz de forma regular, ou seja, realizando as atividades propostas. Lembrando que, acessar os materiais disponibilizados e realizar as atividades propostas, necessariamente não significa êxito na aprendizagem. É preciso observar que os (as) estudantes acessam as aulas de forma individual e dispõem de reduzidos momentos de interação ou compartilhamento de ideias para a efetivação de sua interpretação sobre as temáticas e conteúdos propostos.

O segundo questionamento proposto foi: **Qual sua maior dificuldade em relação ao Google Sala de Aula?**

Gráfico 02 - Qual sua maior dificuldade em relação ao Google Sala de Aula?

2) Qual sua maior dificuldade em relação ao Google Sala de Aula?

61 respostas



Fonte: Dados da pesquisa – acervo da professora pesquisadora (2021)

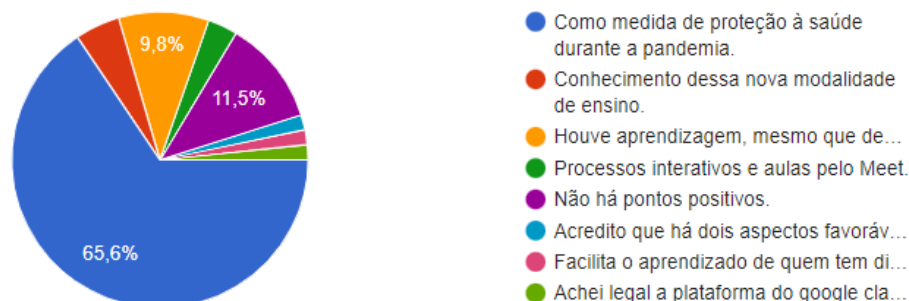
A indicação do gráfico revela que 26,2% dos (as) estudantes que responderam ao questionário, sentem pouca motivação para realizar as atividades remotas; 21,3% têm dúvidas ao realizar as atividades remotas; 23% reconhecem como dificuldade, a falta de rotina e organização do tempo para estudar em casa; 11,5% apontam a inadequação do equipamento eletrônico como maior dificuldade. Foram apontados com percentuais menores, na opção outros, a falta de tempo por conta do trabalho, rede de internet inadequada e/ou problemas com o aplicativo da plataforma.

A terceira questão indaga: **Qual o aspecto favorável a destacar das aulas remotas?**

Gráfico 03 - Qual o aspecto favorável a destacar das aulas remotas?

3) Qual o aspecto favorável a destacar das aulas remotas?

61 respostas



Fonte: Dados da pesquisa – acervo da professora pesquisadora (2021)

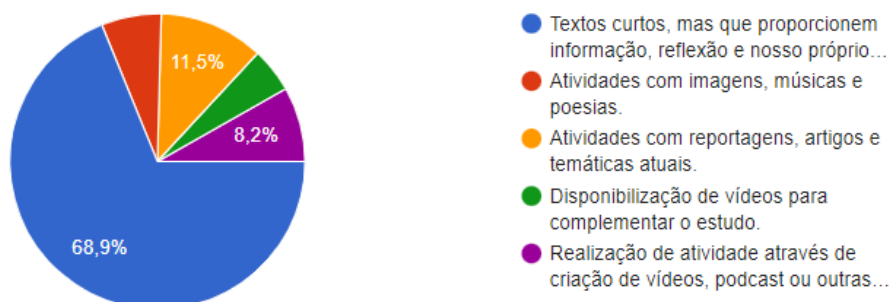
Em relação aos aspectos favoráveis das aulas remotas, 65,6% dos (as) estudantes apontaram como medida de proteção à saúde durante a pandemia; 11,5% diz não haver nenhum ponto favorável; 9,8% reconhece ter havido aprendizagem, mesmo que de forma diferente ao que estávamos habituados.

Na questão 4, a pergunta indagava sobre os atrativos das aulas remotas: **Quais as aulas remotas que têm sido mais atrativas para você acessar e realizar?**

Gráfico 04 - Quais as aulas remotas que têm sido mais atrativas para você acessar e realizar?

4) Quais as aulas remotas que têm sido mais atrativas para você acessar e realizar?

61 respostas



Fonte: Dados da pesquisa – acervo da professora pesquisadora (2021)

Foi apontado por 68,9% dos estudantes como aulas remotas mais atrativas, aquelas como textos curtos, mas que proporcionem informação, reflexão e seu próprio entendimento.

Em 11,4%, foi o apontamento para aulas que disponibilizam reportagens, artigos e temáticas atuais; 8,2%, o percentual que indicou as aulas com criação de vídeos, podcast ou outras produções autorais; com percentuais de menor adesão para a indicação para aulas com imagens, músicas, poesias e, a disponibilização de vídeos complementares aos estudos.

No formato subjetivo, a quinta questão proposta aos (às) estudantes, foi: **Escreve sobre tuas expectativas em relação ao término do Ensino Médio.** Na tabela que segue, a sistematização das ideias manifestadas nessa questão, sendo que algumas respostas evidenciaram mais de uma expectativa. Dessa forma, o número total de expectativas, ultrapassa a quantidade de 61, que foi o número total de estudantes que responderam ao questionário.

Tabela 01 - Expectativas em relação ao término do Ensino Médio.

Expectativa manifestada	Quantidade
Terminar o Ensino Médio	24
Passar no ENEM	11
Cursar Universidade	10
Expectativas negativas ou sem expectativas	09
Continuar estudando	08
Voltar às aulas presenciais	04
Esperança de tempos melhores	07
Participar de formatura do Ensino Médio	04
Planos pessoais	02
Assumir outras responsabilidades	02

Fonte: Dados da pesquisa – acervo da professora pesquisadora (2021)

Fica evidente no demonstrado por meio da sistematização dos dados coletados, a expectativa da maioria dos estudantes em concluir com êxito o Ensino Médio, bem como continuar estudando, seja realizando curso superior ou técnico.

Abaixo, destaques de alguns depoimentos na íntegra, que representam o sentimento de estudantes, em relação ao vivido nestes tempos de aulas remotas:

Quadro 01 – Sentimentos dos estudantes, em relação ao vivido nestes tempos de aulas remotas.

“A pandemia trouxe um grande prejuízo para os formandos deste tempo, pois não estávamos preparados para aprender remotamente, no entanto não deixamos de aprender apesar das dificuldades enfrentadas.” (L. G.) ²
“Esse com certeza foi o ano mais difícil para mim, como estamos sempre em um lugar de lazer é difícil querer deixar esse aconchego e focar em algo, com isso, vai acumulando matérias, mais e mais. E matérias que você precisa saber detalhes, precisa perguntar, tirar dúvidas, fica difícil, pois não vai ter ninguém no momento para perguntar, e isso desanima, me desanimou muito não entender uma questão, saber como funciona, não conseguir tirar minhas dúvidas, ver a matéria que eu gosto e não entender nada, isso me desanimou e por um tempo não me deu vontade de sentar no computador e fazer as coisas.” (C. H.)
“Mal vejo a hora, terminar o colégio dessa forma está sendo horrível e espero que na faculdade as coisas sejam melhores.” (B. R.)
“Que apesar de os professores estarem se esforçando muito para ensinar à distância, aula presencial sempre faz diferença, mas com esforço a gente consegue.” (V. S)

Fonte: Dados da pesquisa – acervo da professora pesquisadora (2021)

O desânimo em relação ao processo remoto vivido torna-se evidente nos depoimentos dos (as) estudantes. O desejo de que a aprendizagem se efetivasse de forma significativa fica expresso com força no depoimento: [...] “ver a matéria que eu gosto e não entender nada, isso me desanimou e por um tempo não me deu vontade de sentar no computador e fazer as coisas.” (C. H.)

Outro estudante destaca que mesmo enfrentado sem preparo, o desafio das aulas remotas, houve aprendizagem: [...] “não estávamos preparados para aprender remotamente, no entanto não deixamos de aprender apesar das dificuldades enfrentadas.” (L. G.)

Os destaques das falas dos (as) estudantes ilustram apontamentos feitos em: *Educação e Pandemia: a falácia do ensino remoto* (SAVIANI; GALVÃO, 2021), no qual os autores refletem sobre as implicações pedagógicas das aulas remotas, apontando para sua inviabilidade na forma como foram impostas, sendo que,

[...]redes de ensino estaduais e municipais, assim como diversas instituições públicas de ensino superior, lançaram mão do “ensino” remoto para cumprir o calendário escolar e o que se observou de maneira geral foi que as condições mínimas não foram preenchidas para a grande maioria dos alunos e também para uma parcela significativa dos professores, que, no mais das vezes, acabaram arcando com os custos e prejuízos

² As identidades dos(as) estudantes serão preservadas. Os depoimentos transcritos no artigo serão identificados por duas letras dos seus nomes.

de saúde física e mental decorrentes da intensificação e precarização do trabalho (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 38 - 39).

Conforme apontado pelos autores, as aulas remotas, mesmo que em caráter emergencial e transitório, não atenderam a critérios primários para sua implementação, ou seja, condições estruturais e pedagógicas foram precarizadas. Alertam também para: “O quadro que se anuncia para o período pós-pandemia trará consigo pressões para generalização da educação à distância, como se fosse equivalente ao ensino presencial” (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 39). Portanto, torna-se evidente a estratégia utilizada por governos comprometidos com interesses privados, no sentido de vislumbrar o ensino remoto como a única alternativa à necessidade da interdição das aulas presenciais, no período pandêmico para após esse, normatizar tal prática de forma naturalizada. Nesse sentido, cabe a preocupação com a lógica crescente em compreender a educação como mercadoria, no qual a concepção de investimento público na educação, assume o caráter de gasto, justificando sua privatização que procura reduzir custos e aumentar lucros, ou a entrega do patrimônio público às parcerias com institutos privados.

Outro destaque dos (as) estudantes, é o desejo em concluir o Ensino Médio e cursar a Universidade, traduzido numa expectativa favorável para um futuro próximo, como revelado: [...] “terminar o colégio dessa forma está sendo horrível e espero que na faculdade as coisas sejam melhores.” (B. R.) O depoimento destacado reflete o sentimento dos demais estudantes, no que se refere às expectativas, pós conclusão do Ensino Médio, sendo que 24 deles responderam que acreditam terminar a modalidade; 11 focam os esforços na aprovação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); 18 apontam para realização de cursos de formação técnica ou universitária. Contudo, em comum nestes depoimentos encontram-se a perspectiva de conquistas e a efetivação de tempos melhores. Além da insatisfação com relação às aprendizagens através das aulas remotas.

REFLETINDO SOBRE AS AULAS REMOTAS

Percebe-se a era digital como a configuração de um novo paradigma social que ultrapassa os limites da adesão ideológica ou de convicção. Ela impõe-se diariamente, em momentos difusos à percepção efetiva das pessoas, como na organização da vida cotidiana em seus diferentes aspectos, como uma nova lógica naturalizada. Primeiramente, apresenta o poder sedutor em viver no paradigma das facilidades e da instantaneidade, sem atentar para suas implicações. Em outros momentos, determina como possibilidade exclusiva o acesso digital ou virtual para concretização das relações e necessidades cotidianas. A realidade analógica,

exigindo presença física, é subitamente substituída pela instituição de processos e transações digitais e virtuais. Quem não se adapta rapidamente a essa nova exigência da vida diária assume a característica do novo primitivo, dentro de sua própria era de existência humana. Como expresso nas palavras do sociólogo Laymert Garcia dos Santos,

[...] a ironia, entre nós, é que estamos sendo cada vez mais confrontados com a vertiginosa aceleração que nossa própria sociedade produz e de cujo impacto parece que não temos como escapar. Como se estivéssemos nos tornando um povo primitivo dentro de nossa própria cultura! (SANTOS, 2019, p. 197).

Diante do exposto, aquele (a) que apresenta resistência ou inadaptabilidade a esse novo modo de vida digital é lançado à condição de exclusão, quer por fatores econômicos, éticos ou conceituais, ou seja, a exclusão de vida digna. Quem não insere seus dados nos cadastros *online*, não constando nos sistemas, inexistente.

Uma questão que chama atenção no contexto da implantação das aulas remotas, refere-se ao alinhamento entre o projeto econômico, social e político e aquilo que é imposto às escolas como planejamento, organização e cumprimento de determinações. Elas são e serão utilizadas como suporte formador do referencial humano, atendendo à lógica da vida digital imposta e pouco problematizada. O argumento da necessidade da inclusão tecnológica e digital nas escolas é apresentado como uma necessidade à formação dos (as) estudantes, que serão a mão-de-obra disponibilizada para encaixe no mercado de trabalho já estruturado.

Repensar a escola em sua dimensão humana e, promover mudanças estruturais e pedagógicas é uma necessidade constante e inegável para o avanço qualitativo do sistema escolar. Relevante que tais discussões protagonizem com os sujeitos inseridos no processo, articulando a viabilização através das políticas públicas das redes mantenedoras. O processo de incorporação das inovações tecnológicas pelas escolas precisa observar a demanda desses agentes de acordo com essa necessidade, discutindo de forma dialógica seu uso, afastando-se do imediatismo e de processos impositivos. Se a escola estiver a serviço da reprodução da lógica social excludente, impregnada há séculos na sociedade neoliberal, estará afastada de seu papel de problematizadora e promotora de consciência histórica, bem como das práticas humanizadoras. Para tanto, Nóvoa, faz três alertas ao pensar num horizonte de futuro:

Primeiro - Não transformar a “anormalidade” da presente crise em normalidade, isto é, não pensar que o futuro da escola passa pelo retraimento ou clausura em espaços domésticos ou privados, através de um uso extensivo da “aprendizagem à distância”. [...] Segundo - Compreender que, depois da crise, os espaços-tempos escolares devem

ser reorganizados, construindo novos ambientes coletivos de aprendizagem (novos ambientes educativos), que sejam também capazes de valorizar a capilaridade, isto é, a existência de possibilidades educativas em muitos outros espaços de cultura, de conhecimento e de criação. Terceiro - Repensar as bases do currículo, concentrando a atenção nas linguagens (a capacidade de ler e interpretar as diferentes realidades), no conhecimento sobre o conhecimento (a capacidade de distinguir e interpretar a abundância de dados e informações) e na inteligência do mundo (a capacidade de interligar, de compreender, os grandes temas da humanidade) (NÓVOA, 2020, p. 09).

Para o autor, permanecer no processo remoto da aprendizagem após a pandemia, seria aprofundar a crise existente, além de corroborar com a lógica da mercantilização da educação que entende os (as) estudantes como consumidores/clientes. Dessa forma, é imprescindível pensar a educação como um bem público; garantir currículos escolares comprometidos com a leitura e interpretação significativa de diferentes realidades, através de vivências culturais impregnadas de sentido humano.

Assumir a prática educativa problematizadora, autônoma e comprometida com a busca da transformação social humanizadora das relações, reflete uma decisão político-pedagógica intencional. Hobsbawn, aponta esse caráter consciente de tal postura:

Existem provavelmente dois espectros superpostos, dos quais um expressa as várias nuances da dimensão política ou ideológica dos processos e descobertas da pesquisa, e o outro, as consequências que se pretende deduzir daí para o comportamento subjetivo do historiador. [...] Em um extremo do primeiro espectro há a proposição geral, e até agora incontroversa, de que é impossível uma ciência puramente objetiva e isenta de juízos de valor (HOBSBAWN, 2013, p. 179).

Dessa forma, os professores e as professoras, independentemente do nível ou etapa ou da modalidade de ensino em que atuam, ano após ano, refletem e ponderam sobre sua práxis pedagógica, entre questionamentos constantes da vida escolar, mantendo-se persistentes na busca da educação pública de qualidade social. Por vezes, foram impostas soluções, através de reformas educacionais, projetos e planos educativos, parâmetros, diretrizes ou princípios, estipulados por políticas públicas e ações governamentais, mas sem desfecho qualitativo.

A imposição de uma prática curricular como política pública não tem seu êxito garantido, sem a efetiva participação da comunidade escolar em sua construção. Sua implantação pode sucumbir ou cair no esquecimento, como por exemplo, os Parâmetros Nacionais Curriculares, implantados em 1997, no Brasil.

A Base Nacional Comum Curricular (2019), o Referencial Curricular Gaúcho (2020/2021) e a Lei que sancionou a implantação do Novo Ensino Médio (2017), são outros

exemplos de decisões verticalizadas e imposta, que desconsideraram o protagonismo daqueles (as) envolvidos diretamente com a escola pública.

Mesmo os canais oficiais disponibilizados, nestes casos, para contribuições antes da promulgação do texto oficial de tais documentos, serviram para aparentar uma pseudo participação, pois não promoveram qualquer debate ou escuta sensível. As decisões que desconsideraram a legitimidade das trajetórias e/ou experiências pedagógicas das escolas, tendem a produzir uma lógica autoritária e de eficiência duvidosa, pois arbitrária.

A concretização das aulas remotas no contexto pandêmico, na rede pública do RS, seguiu esta mesma lógica. Para Daniel Cara, professor de Fundamentos Econômicos da Educação e Políticas Públicas Educacionais da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, além de membro da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, tal prática foi equivocada, pois,

[...] os professores não foram envolvidos na construção das plataformas e soluções de aulas remotas. Como, em geral, os gestores educacionais nunca estudaram pedagogia ou trabalharam em escolas públicas, suas decisões são contraproducentes. Mais do que nunca, esse era o momento de valorizar os professores, dar voz e poder a eles, em reconhecimento ao saber pedagógico. Não foi o que ocorreu (CARA, 2020, s/p.).

Para o autor, a educação à distância na Educação Básica valeu-se como medida de segurança da vida, diante da crise sanitária da Covid-9. Contudo, o processo de ensino-aprendizagem não é adequado para tal nível de ensino, além de evidenciar enfaticamente a desigualdade social. Tal situação, aprofundou as dificuldades e desafios do processo, ao implantar as aulas remotas, através do uso da plataforma Google Sala de Aula, desconsiderando qualquer possibilidade de expressão de ideias, de escuta ou de diálogo. A comunidade escolar, principalmente professores e professoras num processo de gestão democrática na escola, mobilizaram-se buscando a superação das adversidades e desafios, criando possibilidades de resistência às imposições implantadas pela mantenedora. Assim, como abordado por Nóvoa:

A colaboração foi o elemento decisivo para as melhores respostas. Os professores, por vezes injustamente acusados de imobilismo, conseguiram dar respostas criativas e plenas de significado pedagógico. É certo que alguns ficaram numa lógica de protesto, incapazes de uma ação coerente e consequente. Mas esses são o menos; o mais são todos aqueles que agiram pelo bem público, pelo bem comum (NÓVOA, 2021, p. 09).

O autor afirma sobre o efetivo processo protagonista dos professores (as) nas escolas, para além do senso comum que pulverizou ideias de que estavam em suas casas, protegidos e

seguros enquanto a pandemia avançava. Fala da organização e mobilização de ações criativas para as aulas remotas, ao mesmo tempo que resistem diante do contexto de precarização do serviço público e das políticas públicas, na articulação da defesa da educação pública como direito.

É preciso reiterar que a pandemia, escancarou discriminações históricas, até então mascaradas e escamoteadas, como demonstra as palavras de Boaventura de Souza Santos: “É evidente que são menos discriminatórias que outras violências cometidas na nossa sociedade contra trabalhadores empobrecidos, mulheres, trabalhadores precários, negros, indígenas, imigrantes, [...] etc.” (SANTOS, 2020, p. 23). Para o autor, com a pandemia houve o acirramento da evidência da desigualdade social e a desvalorização dos profissionais do serviço público. O autor demonstra que é histórica a constituição discriminatória e injusta da sociedade capitalista. Ela tem acirrado violentamente as desigualdades, de forma a atingir grupos de vulneráveis e colocar outros tantos em situação de humilhação e/ou desfavorecimento econômico.

As violências referidas pelo autor foram naturalizadas pelo modelo econômico no qual vivemos. A esfera pública exime-se de sua responsabilidade diante das desigualdades e, quando ameniza alguma, através de destinação de recurso, apresenta-a como ação benevolente. A crueldade e a crueza das desigualdades, impostas à sociedade, pelo sistema capitalista explorador da força de trabalho e da injusta divisão de renda, não são deveras problematizadas com a profundidade necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilização da aprendizagem no formato remoto foi algo inesperado, consolidando situações-limites a professores(as) e estudantes. E, um conflito político-pedagógico enfrentado na realidade das aulas remotas, além dos recursos materiais, diz respeito à prática de ensino e aprendizagem de História, as quais eram vivenciadas através de problematizações e discussões presenciais. Sendo que, os (as) envolvidos (as) encontravam-se fisicamente nas escolas para debate de ideias, análise de situações, fatos ou fontes estimuladoras da argumentação e criticidade. Essa realidade desarticulou-se. Mesmo com aulas síncronas, o debate foi tímido. Nesse sentido, a prática argumentativa e dialógica, mobilizadora da aprendizagem histórica, encontrou barreiras difíceis de serem transpostas, conforme manifestações nas falas dos (as) estudantes.

As aulas remotas foram apresentadas deliberadamente como a única alternativa viável, quando da necessidade da interdição das aulas presenciais, devido à pandemia. Porém, conforme diálogo estabelecido com os autores destacados no texto, essa foi uma decisão política articulada com os referenciais e alinhamento previsto pelo modelo econômico vigente. Este, procura consolidar a lógica da mercantilização e da privatização da educação. É urgente a mobilização pela defesa da escola pública, com profissionais valorizados tanto na sua remuneração, como na formação permanente. Espaços pedagógicos qualificados na perspectiva do exercício crítico e dialógico, que possibilite aos (as) estudantes compreender a sociedade atual como consequência histórica, constituindo-se cotidianamente como sujeitos autônomos, através da mobilização de seus saberes e aprendizagens.

As consequências político-pedagógicas dessa imposição junto à rede pública, conforme apresentadas nos dados coletados com a aplicação do questionário, demonstram que são nefastas. Estudantes e professores (as) tiveram que se adaptar às aulas remotas, sem a garantia das condições mínimas necessárias. A pressão que enfrentam, somada à precarização da educação pública, são fatores de responsabilização pela desmotivação e falta de satisfação ao processo de aprendizagem, conforme revelado nas respostas dos estudantes.

É urgente uma análise profunda do processo vivenciado nas aulas remotas e, daquilo que se configura para o pós pandemia. A relevância do protagonismo dos sujeitos escolares precisa ser reconhecido, dando voz a estes que foram alijados do processo e das discussões. Para o ato educativo na perspectiva humanista, é mister a premissa em que os (as) estudantes se reconheçam como sujeitos de seus atos históricos.

Os professores e as professoras estão num processo acentuado de precarização da docência no serviço público, mas empenhados (as) na proposição de práticas educativas promotoras do conhecimento emancipador, constituidoras de relações humanas solidárias. Em condições controversas, articulam-se e resistem! Comprometidos (as) com a formação permanente de referenciais teóricos que dialoguem e problematizem a prática educativa, no intuito de qualificar a práxis político-pedagógica.

REFERÊNCIAS

CARA, Daniel. Faltou humildade à secretaria para ouvir os professores. **Centro do Professorado Paulista, O Portal do Professor**, São Paulo, 10 jun/2020.
Disponível em: <https://www.cpp.org.br/informacao/entrevistas/item/15447-faltou#>, Acesso em: 08/11/2021.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NÓVOA, António. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 8-12, ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905>. Acesso em: 07 nov. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Emergir na Emergência. 21 Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Vídeo Brasil. **Leituras Comunidades Imaginadas**. 2019, p. 194 – 205. Disponível em: http://bienalsescvideobrasil.org.br/webroot/uploads/21Bienal_Leituras_PT.pdf. Acesso em: 08 nov. 2021.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na Pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade. Andes SN**. Janeiro 2021, p. 37 – 49. Disponível em: <https://www.sintese.org.br/download/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-ensino-remoto/>. Acesso em: 10/11/2021